

Sincretismos morfológicos nas construções reflexivas e anticausativas em kadiwéu*

Morphological syncretisms in anticausative and reflexive constructions in Kadiweu

João Paulo Lazzarini Cyrino
(Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil)

RESUMO:

O presente trabalho investiga o estatuto dos morfemas d:- e n- na língua indígena brasileira kadiwéu. Os morfemas co-ocorrem em construções reflexivas e anticausativas, apesar de estarem, de acordo com a literatura (Sandalo 1997, 2015) associados a diferentes fenômenos e ocorrerem independentemente: o morfema n- é caracterizado como marca de construção antipassiva e o morfema d:- costuma ocorrer quando há presença de argumentos internos em posição pré-verbal. Baseando a análise nos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída e na proposta de análise transitiva de reflexivos de Alboiu, Barrie e Frigeni (2004), abordo cada um dos contextos de ocorrência dos morfemas, dando especial ênfase à sua co-ocorrência em construções anticausativas e reflexivas. O morfema n- é, então, analisado de forma comparável à marca passiva de Baker, Johnson e Roberts (1989) enquanto a ocorrência do morfema d:- é vista como o resultado de fissão no nó de concordância, fissão essa desencadeada pela concordância com argumento no caso absolutivo.

Palavras-chave: *Morfossintaxe. Reflexividade. Transitividade. Kadiwéu.*

* Este trabalho foi desenvolvido como parte da pesquisa de Pós-Doutorado, realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob orientação da Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo e financiada pela FAPESP, processo 2014/26409-5.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

ABSTRACT

The present paper investigates the status of the d:- and n- morphemes in the Brazilian Indigenous Language Kadiwéu. While these morphemes are associated with different phenomena and have independent occurrences (Sandalo 1997, 2015), they do co-occur in reflexive and anticausative constructions. Current literature characterizes the n- morpheme as an antipassive marking whereas the d:- morpheme is shown whenever internal arguments occur in preverbal position. Basing the analysis in the theoretical framework of Distributed Morphology and in the transitive analysis of reflexives proposed in Alboiu, Barrie and Frigeni (2004), I approach each context of occurrence of the markings, with special emphasis to their co-occurrence in anticausative and reflexive constructions. Morpheme n- is then analyzed as comparable to Baker, Johnson and Roberts' (1989) passive marking whereas the occurrence of morpheme d:- is shown to be the result of fission in the agreement node, triggered by the agreement with an absolutive case argument.

Key-words: *Morphosyntax. Reflexivity. Transitivity. Kadiweu*

1. Introdução

É comum entre as línguas que verbos em construções reflexivas e verbos anticausativos¹ compartilhem de um mesmo morfema: *SE* indo-europeu, *Il-* túrquico, *hitpael* hebraico, *-i-* sul-caucasiano, etc. Esse fenômeno chama a atenção de muitos autores em diversas perspectivas teóricas por apresentar alguns desafios bastante claros, resultantes da tentativa de aliar a aparente transitividade dos verbos em construções reflexivas com a aparente intransitividade dos anticausativos. Neste artigo abordo o fenômeno da semelhança entre verbos anticausativos e reflexivos na língua indígena brasileira kadiwéu². O que há de curioso a respeito do kadiwéu é que ambos os verbos são únicos na língua na medida em que compartilham de dois morfemas sincréticos: *-d:-* e *-n-*. Abaixo segue um exemplo de sentença com verbo anticausativo e verbo reflexivo na língua:

- (1) a. *y-d:-n-l:e-g* (anticausativo)
 3-d:-n-queimar-atél
 “Isso queimou”.

1. Neste artigo entende-se verbo *anticausativo* segundo a definição de Nedjalkov e Silnickij (1969): a contraparte não-ativa e morfologicamente marcada de uma alternância causativo-incoativa.

2. Língua da família Guaicurú, falada nas proximidades de Bodoquena-MS. Estimam-se entre 1200-1800 falantes nativos.

- b. j-d:-n:-adilon-Ga (reflexivo)
1-d:-n-secar-pl
“Nós nos secamos”.

Os morfemas *d:-* e *n-* destacados acima não apresentam um estatuto muito claro. Enquanto o morfema *n-* ocorre no que se considera como verbos de construções antipassivas da língua, o morfema *d:-* ocorre comumente em verbos com objetos de primeira ou segunda pessoa que se deslocam para posição anterior à do verbo e é classicamente considerado (Rodrigues 1953) como um prefixo de contiguidade relacional. Sandalo (2015) avança na análise de *d:-*, considerando-o como uma espécie de marca de concordância. Independentemente da análise considerada, é importante ter em conta que tanto *d:-*, assim como *n-*, são compartilhados, cada um, por diversos contextos e co-ocorrem no caso de reflexivos e anticausativos.

Aqui investigo as ocorrências de cada morfema e procuro identificar seu estatuto na língua justificando ainda a sua co-ocorrência nos verbos anticausativos e reflexivos. Tomo por base a concepção de gramática desenvolvida no modelo da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz 1993) e a análise dos reflexivos desenvolvida em Alboiu, Barrie e Frigeni (2004), fortemente influenciada por Hornstein (1999) com a teoria de movimento por cópia dentro do Programa Minimalista.

O artigo divide-se da seguinte forma. Na seção 2 a seguir, apresento duas características importantes da língua kadiwéu para se compreender os assuntos aqui apresentados: sua ergatividade e seu sistema de concordância. Na seção 3 proponho uma análise para o morfema *d:-* da língua, baseada nas conclusões de Sandalo (2015), lançando mão de uma operação de *fissão* no nó de concordância. Na seção 4 investigo as construções antipassivas da língua e trago uma análise prévia do morfema *n-*. Na seção 5 procuro conciliar todos os contextos de ocorrência dos dois morfemas, dando especial ênfase em como os morfemas ocorrem nas construções reflexivas e anticausativas da língua. Finalizo o texto na seção 6 com as considerações finais.

2. Ergatividade e hierarquia de pessoas: o sistema de concordância verbal em kadiwéu.

Antes de abordar os morfemas *d:-* e *n-* do kadiwéu e as construções em que ocorrem, cabe apresentar o sistema de concordância e casos em kadiwéu. A língua não apresenta marcação de casos em seus nomes, mas há um sistema de concordância que, associado a outros fenômenos sintáticos, indica que a língua se alinha no sistema ergativo-absolutivo (cf.: Sandalo 2015).

Sendo uma língua polissintética, kadiwéu apresenta uma estrutura verbal bastante complexa e seu sistema de concordância apresenta marcas específicas

tanto para o sujeito como para o objeto do verbo. Dificuldades em identificar essas marcas, no entanto, derivam do fato de que a língua possui apenas um *slot* para concordância verbal. Então, no caso de um verbo transitivo, há uma hierarquia de pessoa que define qual marca se manifestará no verbo. Essa hierarquia dá prioridade para a segunda pessoa, seguido da primeira e por último a terceira (2>1>3).

Para exemplificar o que foi dito, tomemos as seguintes marcas de concordância: *a-...-i*, para segunda pessoa sujeito e *Ga-* para segunda pessoa objeto. Para construir as sentenças “eu te amo” e “você me ama”, o verbo *kadiwéu* manifestará apenas as marcas referentes à segunda pessoa, conforme observado abaixo:

- (2) a. **Ga-d:-ema:n**
2obj-d:-amar
 “Eu/ele te amo/a”.
 b. **a-d:-ema:n-i**
2suj-d:-amar-2suj
 “Você me ama”.

Em (2a) temos no verbo a marca *Ga-*, de segunda pessoa objeto, a marca relacional *d:-*, em questão no presente artigo, e a raiz do verbo *-ema:n-*. É importante apontar que a hierarquia de pessoa faz com que a sentença seja ambígua: o sujeito pode ser tanto de primeira como de terceira pessoa, já que a marca presente no verbo apenas indica a existência um objeto de segunda pessoa.

O dado (2b) mostra a marca *a-...-i*, indicando um sujeito de segunda pessoa e a marca relacional *d:-*. Nesse caso, a marca *d:-* desfaz a ambiguidade gerada pela hierarquia de pessoa: como ela comumente ocorre na presença de um objeto (argumento interno) de primeira ou de segunda pessoa, a leitura fica obrigatoriamente como sendo de objeto de primeira e não de terceira pessoa. Não há leitura possível com ambos sujeito e objeto de segunda pessoas pois isso formaria uma construção reflexiva. A reflexividade em *kadiwéu* seguirá outra estratégia, conforme abordaremos adiante.

Considerando verbos transitivos, observam-se na língua as seguintes possibilidades de marcas de concordância:

- (3) *Marcas de sujeito:*
- | | |
|-----|----------|
| 1sg | j- |
| 2sg | a-...-i |
| 3sg | y- / w- |
| 1pl | j-...-Ga |
| 2pl | a-...-I |
| 3pl | n-...-Ga |

| | |
|-----|----------|
| 2pl | Ga-...-i |
| 3pl | ---- |

Se o sistema de concordância, por si só, não é indício suficiente de que a língua segue um sistema ergativo-absolutivo, podemos ainda levar em conta alguns aspectos sintáticos. A língua kadiwéu apresenta algumas características sintáticas comumente associadas à ergatividade. Essas características estão relacionadas às construções antipassivas da língua, que são bastante produtivas.

De acordo com Polinsky (2013), apesar de haver muitos trabalhos que associam construções antipassivas a sistemas ergativos, essa correlação não parece ser necessária. Há tanto línguas acusativas como ergativas que apresentam esse tipo de construção. No entanto, em línguas ergativas, construções antipassivas são uma estratégia estrutural. Muitas línguas ergativas apresentam um comportamento sintático bastante curioso que restringe o argumento marcado com caso ergativo de forma que ele não possa ser relativizado, focalizado, sofrer elipse, etc. Kadiwéu é uma dessas línguas.

Antipassivas em kadiwéu são formadas com a adição do morfema *n-* ao verbo, o segundo morfema em questão neste trabalho. Quando o morfema se afixa ao verbo, o sujeito passa a desencadear concordância *absolutiva* (não *ergativa*) e o objeto se manifesta por meio de construção aplicativa: um morfema aplicativo é adicionado ao verbo, licenciando a presença do objeto. Isso é ilustrado no exemplo abaixo:

- | | | | |
|-----|-------|-----------------------------------|----------|
| (8) | a. e: | j- eligo | lalanja. |
| | | Eu 1erg-comer | laranja. |
| | | “Eu como laranja”. | |
| | b. e: | (i-)n-eligo-ta | lalanja. |
| | | Eu (1abs-)antip-comer-apl | laranja. |
| | | “Eu como laranja (com os olhos)”. | |

Em (8a) temos a construção transitiva, com o verbo marcado com a concordância de primeira pessoa ergativa. Em (8b), ocorre a antipassiva. O verbo é marcado com a marca *i-*, que não costuma ser pronunciada diante de consoantes, e indica a *primeira pessoa absoluta*. A marca antipassiva *n-* e a marca aplicativa *-ta* também estão presentes. Cabe esclarecer que construções antipassivas costumam ter uma leitura com diferentes acarretamentos de suas contrapartes transitivas. Em kadiwéu é comum encontrar antipassivas indicando que a ação é psicológica, relacionada a desejo, e não se deu no mundo real.

A diferença entre a leitura de transitivos e antipassivas pode ser explicada, aproximadamente, pela respectiva diferença entre a leitura das seguintes sentenças do inglês, conforme apontado por Polinsky (2013):

- | | |
|-----|---|
| (9) | a. The Hunter shot <i>the bear</i> . |
| | “O caçador atirou no urso” (acarreta que o urso foi atingido) |

Sincretismos morfológicos nas construções reflexivas e anticausativas em kadiwéu*

b. The Hunter shot *at the bear*.

“O caçador atirou no urso” (não acarreta que o urso foi atingido)

Vejamos agora os dados abaixo:

- (10) a. José ane y-ema: Maria.
 José que 3erg-amar Maria.
 “É José quem a Maria ama”.
- b. *Maria ane José y-ema:
 Maria que José 3erg-amar.
- c. Maria ane n-ema:-ta José.
 Maria ane antip-amar-apl José.
 “É José quem ama a Maria”.

O que vemos acima são dados que mostram um estatuto especial do argumento absolutivo. Em (10a) tem-se a clivagem do argumento interno do verbo *José*. Essa é a única possibilidade de interpretar a sentença. Apenas o argumento absolutivo pode ocorrer na clivada. Deslocamentos como o visto em (10b) são agramaticais. Nesse caso, para focalizar/clivar um argumento externo do verbo é necessária a antipassiva, que “transforma” o argumento externo de ergativo para absolutivo. Isso é o que se observa em (10c).

Outro fenômeno que evidencia a ergatividade em kadiwéu é o do argumento absolutivo ser sempre o antecedente preferencial em casos de elipse:

- (11) José nadi Maria koda i-wilegi Ginodi.
 José viu Maria e 3erg-lavar louça.
 “Joséi viu Maria_i e *ec*_j lavou louça”.

Feita essa apresentação a respeito do funcionamento de alguns aspectos da língua kadiwéu, parte-se agora para a investigação dos morfemas em questão neste artigo. A próxima seção aborda o morfema *d:-* e alçamentos do argumento interno.

3. O morfema *d:-*

O estatuto do morfema *d:-* do kadiwéu é discutido de forma detalhada em Sandalo (2015). A autora identifica o morfema em contextos em que há deslocamento do argumento interno para a posição pré-verbal. Há evidências de que esse alçamento ocorre sempre que o argumento interno é de primeira ou segunda pessoa (12). Quando o argumento interno de um verbo transitivo é de terceira pessoa, esse deslocamento não se dá e *d:-* não ocorre (13). Verbos inacusativos (14), que envolvem deslocamento do argumento interno, são marcados com *d:-* independentemente da pessoa do argumento interno.

- (12) a. Goti aqa:m-i Ga-d:-ama:n-i.
Goti você-pl 2erg-d:-amar-pl.
“Goti ama vocês”.
- b. *Goti Ga-ama:n-i aqa:m-i.
Goti 2erg-amar-pl você-pl
- c. aqa:m-i e: a-d:-ama:n-i.
você-pl eu 1erg-d:-amar-pl.
“Vocês me amam”.
- d. *aqa:m-i (a-)ama:n-i. e:
Você-pl (1erg-)amar-pl eu.
- (13) c. Goti y-ema:n ekode.
Goti 3erg-amar Ekode.
“Goti ama Ekode”.
- d. *Goti ekode (y-)d:-ema:n
Goti Ekode (3erg-)amar
- (14) a. i-d:-aqag-Ga.
1obj-d:-agachar-pl
“Nós (nos) agachamos”.
- b. *i-aqag-Ga.
1obj-agachar-pl
- c. i-d:-oi-te-wa laqe:di.
1obj-d:-temer-3obl-appl cobra
“Ele tem medo de cobra”.
- d. *i-oi-te-wa laqe:di.
1obj-temer-3obl-appl cobra.

Segundo Sandalo (2015), kadiwéu seria uma língua de duplo especificador em TP, de forma que tanto o sujeito como o objeto de um verbo transitivo podem se deslocar acima de T. A evidência de que os objetos podem deslocar-se a Spec de T como nos exemplos em (12a) e (12c) está associada ao posicionamento dos advérbios de tempo.

Nos exemplos abaixo, retirados de Sandalo (2015), verifica-se que o posicionamento do argumento de segunda pessoa, que desencadeia o morfema *d:-* no verbo, deve anteceder o advérbio temporal *jaG* (já):

- (15) a. Exabigo aqa:mi jaG Ga-d:-ema:n.
Exabigo você já 2.abs-d:-amar.
“Exabigo já te ama.”
- b. *Exabigo jaG Ga-d:-ema:n aqa:mi.
Exabigo já 2.abs-d:-amar você.
- (cf.: Sandalo 2015:10, 11)

Enquanto objetos de segunda e primeira pessoas necessariamente devem ser alçados para posição anterior à do advérbio e não podem ocorrer no final da oração, objetos de terceira pessoa podem ocorrer em posição pós-verbal ou, em caso de focalização, em posição imediatamente pré-verbal:

- (16) a. Exabigo **jaG** y-ema:n **Ekode.**
 Exabigo já 3erg-amar Ekode.
 “Exabigo já ama Ekode.”
- b. Exabigo jaG Ekode y-ema:n.
 Exabigo já Ekode 3erg-amar.
 “É Ekode que Exabigo já ama.”
- c. *Exabigo Ekode jaG y-ema:n.
 Exabigo Ekode já 3erg-amar.

O contraste entre os dados em (15) e (16) sugere que o movimento dos argumentos internos de primeira e segunda pessoas se dê para posição externa ao vP, enquanto que os argumentos de terceira pessoa permanecem dentro do vP, mesmo havendo deslocamento para posição pré-verbal. Como os argumentos internos de primeira e segunda pessoa sempre se situam entre os advérbios temporais e o argumento externo, há a ideia de que ambos os argumentos se situam na posição de especificador de T. Nota-se que, para a língua, tanto o argumento interno como o externo desencadeiam concordância.

Considerando que, para a ocorrência das configurações vistas acima, é necessário que T tenha dois especificadores, pode-se compreender a ocorrência de *d:-* por meio de uma elaboração da morfologia de concordância.

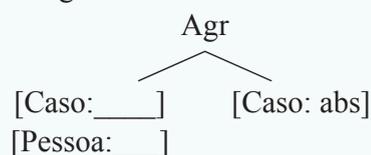
Na seção anterior foi apresentada a questão da hierarquia de pessoa, decorrente da existência de supostamente apenas um slot para concordância do verbo com a pessoa. O *slot* de concordância com pessoa notavelmente pode ter como expoentes morfemas referentes ao sujeito ou ao objeto do verbo, de acordo com a hierarquia proposta (2>1>3). No entanto, se, conforme Sandalo (2015), *d:-* também seria uma marca de concordância, seria necessário entender que o nó terminal responsável pela concordância fornece dois *slots* em algumas circunstâncias.

Isso pode ser alcançado assumindo uma operação de Fissão. Essa operação faz parte do conjunto de operações morfo-fonológicas propostas dentro da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz 1993), e caracteriza-se por explodir os conjuntos de traços de um nó terminal em dois nós terminais. O que se propõe que ocorra em kadiwéu é que a presença de caso absoluto no nó de concordância, que aqui denominamos Agr, engatilha uma operação de fissão (17, abaixo). Essa fissão divide o nó Agr em dois, um nó permanece com os traços de caso e pessoa, e o outro recebe uma cópia do traço de caso absoluto (18, abaixo).

(17) Regra de Fissão

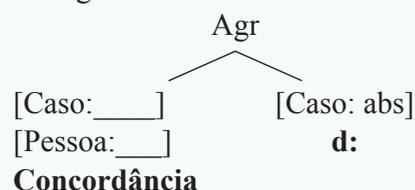
$$\text{Agr} \rightarrow [_{\text{Agr}} [\{\text{caso, pessoa}\}] [\text{caso}]] / [_{\text{AgrP}} [\{\text{caso: abs}\}] \text{ ______ }]$$

(18) Nó Agr fissionado:



Nos termos da Morfologia Distribuída, é possível considerar a marca *d:-* como o expoente fonológico específico para o nó fissionado de um Agr com traço de Caso absoluto. Dessa forma, as marcas de concordância discutidas na seção anterior ocupariam uma das posições do nó Agr, enquanto o morfema *d:-* ocuparia outra, conforme se ilustra abaixo:

(19) Nó Agr fissionado:



A mecânica aqui apresentada dá conta dos fenômenos abordados até o momento. No entanto, é importante apontar que há dois aspectos do funcionamento da língua que não foram não explicados/detalhados aqui por questões de espaço. O primeiro é qual propriedade sintática desencadeia o movimento do argumento interno à posição de sujeito, tanto nos casos de objetos de primeira e segunda pessoas, como nos casos de verbos inacusativos. Isso se relaciona de alguma forma ao segundo aspecto que é o modo como Caso é atribuído em uma língua ergativa: como que os argumentos recebem seus Casos, sejam ergativos ou absolutivos. Esses aspectos são assunto de investigação em andamento e dependem da descrição e análise de outros fenômenos da língua.

4. O Morfema *n-* das construções antipassivas

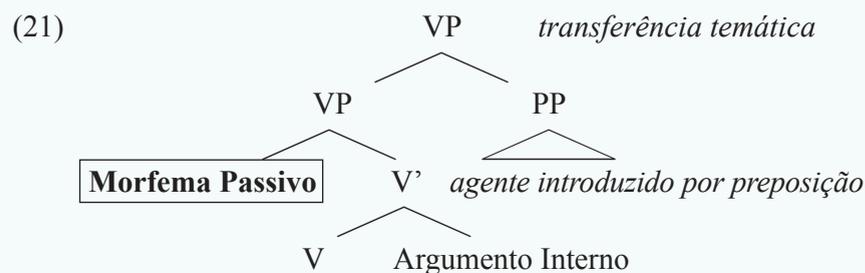
Construções antipassivas são caracterizadas por uma estrutura em que o argumento externo do verbo é marcado com caso absoluto e o argumento que seria o objeto direto da contraparte transitiva passa a ser introduzido por uma estrutura oblíqua. No caso do kadiwéu, essa estrutura oblíqua é licenciada por um morfema aplicativo (*apl*) no verbo:

Sincretismos morfológicos nas construções reflexivas e anticausativas em kadiwéu*

- (20) a. e: j-eligo laranja.
 Eu 1erg-comer laranja.
 “Eu como laranja”.
- b. e: (y-)n-eligo-ta laranja.
 Eu (1abs-)antip-comer-apl laranja.
 “Eu como laranja (com os olhos)”.

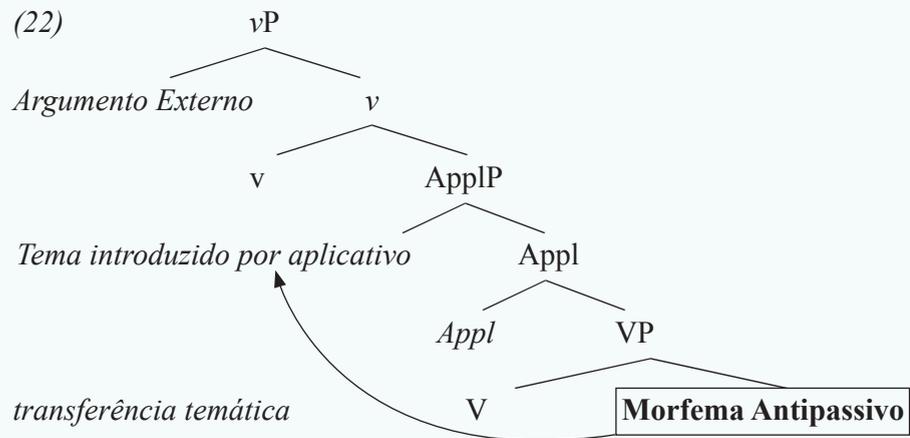
De alguma forma antipassivas e passivas são paralelas. Ambas preservam um argumento de um verbo transitivo e fazem com que o outro ocorra introduzido por estrutura oblíqua. No entanto, enquanto passivas preservam o argumento interno, promovendo-o a sujeito, com caso nominativo, antipassivas preservam o argumento externo, atribuindo-lhe caso absolutivo ao invés do ergativo. Passivas têm o argumento desencadeador do evento introduzido por estrutura oblíqua. Antipassivas têm o argumento tema do evento introduzido por estrutura oblíqua.

O clássico artigo de Baker, Johnson e Roberts (1989) propõe que o morfema passivo das línguas ocupa a posição de argumento externo, suprimindo-o. O papel temático de agente é, então percolado (transferência temática) em uma estrutura preposicional. A árvore abaixo ilustra essa derivação:



Tendo em vista o paralelo estabelecido acima entre passivas e antipassivas, consideremos que seja possível analisar construções antipassivas com um desenho semelhante ao proposto em Baker et al. (1989) para passivas. Nesse caso, o que diferenciaria antipassivas de passivas seria o argumento suprimido: externo para passivas, interno para antipassivas³:

3. A formulação dessa análise é puramente hipotética no momento e não se estabeleceram aqui outras formas de comprová-la.



Duas discussões precisam ser feitas ao se considerar essas propostas. Em primeiro lugar, do que se trata a percolação de papel temático (transferência temática) que está apontada? Em segundo, qual seria o estatuto do morfema antipassivo, que o permite suprimir a posição de argumento interno.

A percolação de papel temático sempre foi um ponto bastante discutível da proposta de Baker et al. (1989), já que não há uma teoria bem formulada a respeito de como esse processo pode ser dar e quais restrições se aplicam sobre ele. É possível que, dentro de um quadro como o do Programa Minimalista, ao se conceber papel temático como um tipo de traço (Hornstein 1999), essa transferência se dê em termos de checagem. Mas ainda assim, se trata de algo bastante hipotético. O que se pode assumir para este trabalho, no entanto, é que, como o argumento introduzido por aplicativo das construções antipassivas não apresenta o mesmo tipo de leitura que o argumento interno em um verbo transitivo, o que ocorre é que o papel temático de tema nas antipassivas não está associado ao verbo, mas sim ao próprio aplicativo. Seria um tema dissociado, o que lhe permitiria interpretações diferentes.

Sobre o estatuto das marcas antipassivas, consideremos – por ora – que elas atuem como expletivos. A formalização desse tipo de expletivo ficará clara ao analisarmos o estatuto da marca em construções reflexivas e antipassivas. Considerando as antipassivas em kadiwéu, esse sistema aqui formulado envolve dizer que a marca *n-* apresenta duas características: (i) é um elemento que ocupa posição argumental e (ii) é um elemento de características expletivas.

Na seção seguinte serão abordadas as ocorrências de *d:-* e *n-* em construções reflexivas e verbos anticausativos. A partir da co-ocorrência desses dois morfemas será possível identificar com mais clareza qual o estatuto do morfema *n-* na língua.

5. Verbos reflexivos e anticausativos e a co-ocorrência de *d:-* e *n-*

Como já apontado, verbos reflexivos e anticausativos em kadiwéu se formam com a presença das duas marcas abordadas nas seções anteriores: *n-* e *d:-*. Os exemplos seguem repetidos abaixo:

- (23) a. *y-d:-n-l:e-g* (anticausativo)
 3-*d:-n-*queimar-atél
 ‘‘Isso queimou’’.
- b. *j-d:-n-adilon-Ga* (reflexivo)
 1-*d:-n-*secar-pl
 ‘‘Nós nos secamos’’.

A tabela abaixo sumariza o que foi apresentado até agora a respeito dos morfemas *d:-* e *n-*. Nela indica-se cada contexto de ocorrência dos morfemas e a motivação apresentada neste artigo para cada caso.

Tabela 1 – Sumário do comportamento de *d:-* e *n-*

| Contexto | <i>d:-</i> | Motivação | <i>n-</i> | Motivação |
|--------------------------------------|------------|--|-----------|--------------------------------|
| Transitivos com objeto de 1/2 pessoa | sim | Movimento do argumento interno a [Spec, T] | não | Não apresentada |
| Inacusativos | | | sim | Não apresentada |
| Anticausativos | | <i>Não apresentada</i> | | Supressão do argumento interno |
| Reflexivos | não | Argumento interno não se manifesta. | sim | |
| Antipassivas | | | | |

A tabela acima permite identificar que, do que foi apresentado até o momento, é possível explicar a presença do morfema *d:-* em anticausativos, mas não em reflexivos. Como verbos anticausativos apresentam uma sintaxe inacusativa, com o movimento do argumento interno para a posição de sujeito, fica clara a ocorrência da marca *d:-* nesses casos. Seguindo a mecânica proposta para *d:-*, seria possível explicar sua ocorrência também em reflexivos caso assumíssemos alguma versão da denominada Análise Inacusativa dos Reflexivos (Marantz 1984, Embick 1998, entre outros).

A Análise Inacusativa dos Reflexivos, supõe que o sujeito dos verbos de construções reflexivas foi gerado na posição de argumento interno. Nesse caso, a marca reflexiva ou anáfora ocupa ou a posição de argumento externo ou então é um expoente de uma categoria como Voice ou *v* (cf.: Embick 1998), a depender da análise. No primeiro caso, o que motiva o alçamento do argumento interno à posição de sujeito cruzando o argumento interno seria o princípio A. No segundo caso, o verbo reflexivo seria intransitivo.

Se consideramos a segunda possibilidade, baseada na intransitividade de construções reflexivas, seria possível explicar a co-ocorrência de *d:-* e *n-* em nas construções anticausativas e reflexivas do kadiwéu. Considerando a marca *n-* seria como um expoente de um núcleo como Voice ou *v* que não projeta argumento externo, tal como proposto, por exemplo, em Embick (1998), seria possível entender que ambos os morfemas são engatilhados pela inacusatividade dessas construções. O morfema *n-* ocorreria pela ausência de argumento externo e o morfema *d:-* pelo movimento do argumento interno (absolutivo) à posição de sujeito.

No entanto, o quadro mais amplo dos contextos de ocorrência dos morfemas *d:-* e *n-* faria com que esse tipo de análise fosse duramente desafiado. Concretamente, a presença da marca *n-* em antipassivos é um argumento contrário à sua análise nos moldes acima. Para que *n-* ocorresse em antipassivos nessa linha de análise seria necessário que se desenvolvesse alguma forma de que o núcleo *v/Voice* afetasse também a projeção do argumento interno, algo que descaracterizaria o próprio fundamento da postulação de categorias como *v* e Voice.

Dessa forma, cabe-nos buscar visões alternativas que consigam abarcar os contextos de ocorrência dos dois morfemas em questão. Nesse sentido, é possível mencionar a proposta em Schäfer (2007), de que verbos anticausativos e reflexivos compartilham da mesma morfologia porque ambos apresentam um argumento anafórico nos termos de Heinat (2006): defectivos em traços-fi, com os traços de pessoa a serem valorados por um DP pleno em uma relação de c-comando.

Os verbos reflexivos apresentam essa anáfora na posição de argumento interno. Essa anáfora toma como antecedente o argumento externo do verbo, que seria pleno e valoraria os traços de pessoa da anáfora, garantindo a interpretação reflexiva. Já os verbos anticausativos são formados com a anáfora na posição de argumento externo. Sem nenhum antecedente para valorá-la, eles permanecem sem interpretação, suprimindo o papel temático atribuído à posição de argumento externo. A anáfora na posição de argumento externo dos verbos anticausativos atuaria, portanto, como um expletivo, segundo Schäfer (2007).

Foi mencionado na seção anterior que a marca *n-* de antipassivos poderia ser analisada como um expletivo na posição de argumento interno, suprimindo o papel temático atribuído a essa posição. Provavelmente, o que identifica *n-* em construções anticausativas e antipassivas seja justamente seu caráter expletivo. O que diferenciaria seria sua posição de ocorrência.

No entanto, sabe-se que se propormos para o kadiwéu o mesmo tipo de análise de Schäfer (2007), será impossível derivar antipassivas pelo simples motivo de que o expletivo que deriva verbos anticausativos é uma anáfora e, na

posição de argumento interno, tomaria como antecedente o argumento externo. Nesse caso, o sistema derivaria uma construção reflexiva e não uma antipassiva.

Conservando-se, porém, algumas das contribuições da análise de Schäfer (2007), existe uma forma de explicar o sincretismo entre verbos de construções antipassivas, de verbos construções reflexivas e verbos anticausativos. Ela depende do princípio da subespecificação da Morfologia Distribuída e da versão de Alboiu, Barrie e Frigeni (2004) da teoria de checagem temática via movimento.

Assumamos aqui, para fins de simplicidade, que os expletivos presentes nos verbos anticausativos e antipassivos do kadiwéu são DPs com um conteúdo muito defectivo em termos de traços-fi. Esses DPs podem ocorrer em qualquer posição argumental, derivando anticausativos e antipassivos. Além disso, seguindo a Morfologia Distribuída, eles não apresentam conteúdo fonológico no decorrer da derivação sintática. A forma *n-*, é inserida ao final da derivação, por uma regra de correspondência entre o expoente fonológico /n/ e um determinado conteúdo de traços que seja um subconjunto dos traços presentes nos DPs expletivos (princípio do subconjunto).

Seguindo essa assunção, é possível replicar a análise de Baker et al. (1989) para os verbos anticausativos e antipassivos do kadiwéu. A ocorrência de *d:-* somente se aplica aos anticausativos, já que apenas estes apresentam o movimento do argumento interno à posição de Spec de T.

Resta-nos compreender como os verbos reflexivos estão sujeitos à mesma morfologia que os anticausativos. Seria possível, seguindo a linha aqui proposta, lançar mão de uma análise inacusativa dos reflexivos. O argumento externo do verbo seria ocupado pelo mesmo expletivo dos anticausativos e o argumento interno seria alçado à posição de Spec de T. Isso geraria uma derivação idêntica à dos anticausativos e seria possível explicar a existência dos morfemas *d:-* e *n-* nesses verbos. No entanto, para entender a semântica reflexiva, seria necessário assumir algum mecanismo adicional que identifique que a redução de valência possa ser interpretada como reflexividade. Dessa forma, apresento aqui uma alternativa de análise para os reflexivos do kadiwéu que os caracteriza como transitivos, prevendo os mesmos resultados morfológicos.

Para Alboiu, Barrie e Frigeni (2004), baseando-se em Hornstein (1999), DPs podem mover-se para posições argumentais a fim de checar papéis temáticos. Segundo essa teoria, toda a formação de cadeias-A se dá via movimento. Além disso, é importante considerar que movimento, nessa concepção, é uma metáfora para cópia e reconcatenação, estando as cópias inferiores sujeitas a apagamento na interface com PF, ou, para uma teoria de inserção tardia de fonologia, no momento da inserção vocabular.

Seguindo essa proposta, é possível derivar verbos reflexivos via movimento. Se na numeração ocorre um verbo transitivo e apenas um DP, a derivação pode ser convergente, com a concatenação desse DP em cada uma das posições

argumentais do verbo. Seguindo essa análise, uma sentença como *João se viu* pode ser derivada da seguinte forma:

- (24) a. Numeração: {João, ver, T_{[passado]}}}
 b. [_{VP} ver [João]]
 c. [_{VP} João [_{VP} ver [João]]]
 d. [_{TP} João [_{TP} viu [_{VP} João [_{VP} ver [João]]]]]
 e. [João [viu [João [ver [João]]]]]
 f. [João [viu [[se]]]]]
 g. João ^ #viu ^ se#
 h. João se viu.

Em (24a) observa-se a numeração, constituída de apenas três elementos, o DP João, o verbo ver e a informação de T passado. A derivação inicia-se com a concatenação do verbo ver com o DP João (24b). Como o verbo é transitivo, é necessário que sua posição de argumento externo seja preenchida. Para checar o papel temático externo, João é copiado e reconcatenado na posição de argumento externo (24c). Ocorre, via cópia e reconcatenação, o movimento de núcleo V para T, formando o verbo viu e o movimento de João novamente para a posição de sujeito (24d). A sentença é sintaticamente convergente, mas requer ajustes para a linearização, estes ajustes até a forma fonológica final estão representados de (24e-h). Comento esses processos morfo-fonológicos a seguir.

Considerando algumas das contribuições em Nunes (2004), um motivador dos processos morfo-fonológicos que abordamos agora é o de que cópias idênticas não podem manter-se com a mesma fonologia em Spell Out, pois impediria a linearização segundo o Axioma da Correspondência Linear (Kayne 1994). Dessa forma, deve haver um mecanismo que atue na estrutura prevenindo cópias idênticas de se manterem com exponência fonológica. Assumamos, com Alboiu et al. (2004), que as cópias inferiores de uma Cadeia-A são apagadas por um algoritmo que orienta-se por Caso: todo DP sem Caso deve ser apagado.

O que ocorre, no entanto, é que esse algoritmo é capaz de apagar a cópia intermediária de João, como se vê em (24e). Mas não apaga a cópia inferior, na posição de argumento interno, pois essa é uma cópia com Caso. De acordo com Alboiu, Barrie e Frigeni (2004), contudo, a derivação de cadeias reflexivas pode ser resolvida considerando uma condição que impede a violação do princípio C. Tal condição, denominada de *General Condition on A-Chains* (GCA), apaga todos os traços referenciais dos DPs marcados com Caso em uma Cadeia-A. Esse apagamento, que seria uma espécie de empobrecimento nos termos da Morfologia Distribuída, faz resultar apenas os traços necessários para a inserção de uma forma específica para DPs defectivos, como seria o caso das anáforas. Sendo assim, ocorrido esse empobrecimento, a forma *se* é inserida na posição de argumento interno (24f), e, em se tratando de uma forma clítica, há subsequente

reanálise morfológica (deslocamento local) (24g), que permite com que ela se cliticize ao verbo e ocorra em posição pro-clítica (24h).

Esse sistema pode dar conta das construções reflexivas em Kadiwéu se consideramos que a língua apresenta uma única forma para DPs defectivos, sem nenhuma característica referencial: /n/. Essa forma seria uma forma default em termos de item de vocabulário, podendo ser inserida em qualquer DP. O que a restringe de ocorrer só em casos de construção reflexiva, antipassivas e anticausativas é que os demais argumentos da língua sempre apresentam características referenciais.

Nota-se que, se essa análise estiver correta, ela explica a ocorrência de *d:-* também em construções reflexivas, uma vez que elas são justamente constituídas pelo movimento do argumento interno a todas as posições argumentais até Spec, T.

6. Considerações Finais

Segundo o que se propõe neste trabalho, a co-ocorrência dos morfemas *d:-* e *n-* em construções reflexivas e anticausativas em kadiwéu se dá por razões independentes. Propôs-se que o morfema *d:-* é engatilhado sempre que há movimento do argumento interno à posição de sujeito e o morfema *n-* é gerado na posição de argumento do verbo quando esse argumento é um expletivo. Análise transitiva das construções reflexivas é possível se assumimos que as anáforas reflexivas se derivam como em Hornstein (1999) e Alboiu, Barrie & Frigeni (2004).

Certamente há muitos detalhes tanto a respeito das análises aqui propostas e da própria língua kadiwéu que devem ser investigados com mais detalhe. Essa lista inclui a estrutura dos traços-fi nos DPs em kadiwéu e a natureza dos expletivos, a incorporação de um DP expletivo ao domínio morfológico do verbo resultando no morfema *n-*, o sistema de atribuição de casos para se obter o sistema ergativo-absolutivo e a causa para os alçamentos de argumentos internos à posição de sujeito na língua. Por outro lado, desejou-se ressaltar o potencial de análise que se obtém ao adotar um tipo de visão de gramática que torna transparentes as estruturas de palavras e sentenças e apontar para uma direção a respeito de como compreender sincretismos morfológicos complexos como os do *n-* e *d:-* da língua kadiwéu

Recebido em: 07/12/2016

Aprovado em: 07/07/2017

Email:

João Paulo Lazzarini Cyrino jpcyrino@gmail.com

Referências

- ALBOIU, Gabriela; BARRIE, Michael; FRIGENI, Chiara. 2004. SE and the Unaccusative-Unergative Paradox. In: COENE, M., CUYPER, G. & D'HULST, Y. (Eds.) *Antwerp Papers in Linguistics 107*. Universiteit Antwerp.
- BAKER, Mark & BOBALJIK, Jonathan. 2015. On Inherent and Dependent Theories of Case. Ms.
- BAKER, Mark; JOHNSON, Kyle & ROBERTS, Ian. 1989. Passive Arguments Raised. *Linguistic Inquiry*, **20-2**: 219-251.
- EMBICK, David. 1998. Voice Systems and the Syntax-Morphology Interface. *The Proceedings on Penn/MIT Workshop on Aspect, Argument Structure and Events*.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. 1993. Distributed Morphology and Pieces of Inflection. *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*.
- HEINAT, Fredrik. 2006. Probes, pronouns and binding in the Minimalist Program. Tese de Doutorado. Lund University, Lund.
- HORNSTEIN, Norbert. 1999. Movement and Control. *Linguistic Inquiry*, 30. Cambridge: MIT Press.
- KAYNE, Richard. 1994. The Antisymmetry of Syntax. *Linguistic Inquiry Monograph*, 25. Cambridge: MIT Press.
- KRATZER, Angelika. 1994. Severing the External Argument from its verb. ROORYCK, Johan & ZARING, Laurie (Eds.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer.
- MARANTZ, Alec. 1984. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press.
- MARANTZ, Alec. 1997. No Escape from Syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. In DIMIATRIDIS, Alexis. SIEGEL, Laura (Eds.), *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium (University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics)*, **4.2**: 201-225.
- NUNES, Jairo. 2004. Sideward Movement and Linearization of Chains. *Linguistic Inquiry Monographs*. Cambridge: MIT Press.
- POLINSKY, Maria. 2013. Antipassive constructions. In: HASPELMATH, Martin. DRYER, Matthew, GI, David, COMRIE, Bernard. *The World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press: 438-441
- REINHART, Tanya. & SILONI, Tal. 2004. Against the Unaccusative Analysis of Reflexives. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT, Martin. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass.
- RODRIGUES, Aryon. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, **1**: 121-152.

Sincretismos morfológicos nas construções reflexivas e anticausativas em kadiwéu*

- SANDALO, Filomena. 1997. A Grammar of Kadiwéu with Special Reference to the Polysynthesis Parameter. *MIT Occasional Papers in Linguistics*. v. 11. Cambridge: MIT Press.
- SANDALO, Filomena. 2015 The relational morpheme of Brazilian languages as impoverished agreement marker. *BCUWPL*, 2015.
- SCHÄFER, Florian. 2007. On the nature of anticausative morphology: External arguments in change-of-state contexts. Tese de Doutorado, Univ. Stuttgart.